

## A MAQUINARIA ESCOLAR E A CRIAÇÃO DO SUJEITO NA MODERNIDADE

Simone Alves Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo principal deste trabalho é uma análise da Educação e seus dispositivos a partir da obra de Michel Foucault. Tentar demonstrar como o espaço escolar foi constituído como o espaço especializado em controlar, disciplinar e docilizar os corpos através do que se pode chamar de “maquinarias” e “dispositivos pedagógicos”. Para tanto, a reflexão terá como embasamento teórico o conceito de sujeito na modernidade, quando o ser humano começa a ser visto não como um ser social, mas, sobretudo, como assujeitado às condições sociais. Buscaremos elucidar o sentido de disciplina e da docilização dos corpos e sua utilidade no sentido de “progresso”. Além do pensamento do filósofo teremos como suporte teórico alguns comentadores, dos quais faremos uso dos seguintes conceitos: sujeito, controle, docilização, poder e maquinaria. A partir daí tentar-se-á demonstrar como os corpos, neste caso, dos alunos (sujeitos da educação), participam de uma “produção” da qual a sociedade e, porventura, a educação denominam de sujeitos modernos, preparados e eficazes.

**Palavras chave:** Maquinarias; Educação; Sujeito; Poder.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa (projeto de mestrado) acerca das práticas de disciplinamento e controle desenvolvidas dentro do espaço escolar. O nosso objetivo é analisar as práticas de manutenção do poder a partir do aparato escolar. Neste estudo, embora pareça uma crítica à educação e sua forma de disciplinamento, buscaremos, como ponto central, pensar a educação na modernidade, particularmente as práticas de produção dos corpos fabricados no espaço escolar. Tudo isto dentro do que Foucault denominou de *maquinaria*, isto é, a escola e o seu funcionamento capaz de modelar, controlar e classificar os sujeitos.

Tal espaço se constituiu como espaço institucionalizado e produtor de um sujeito cientificizado, que resulta das práticas que estabelecem e demarcam o surgimento de um novo ser social. Para tanto, tomaremos a obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, para nos ajudar na elucidação do problema posto. Este trabalho nos conduz a fazer o que o próprio autor chamou de genealogia, por se tratar de uma análise acerca do processo pelo qual somos subjetivados.

É a partir de *Vigiar e Punir* que Foucault evidencia como nos tornamos o que somos. Como sujeitos de ação sobre os outros indivíduos somos constituídos, no interior de redes e poderes, atuando como um resultado de um imbricado processo, que alguns comentadores denominam de o segundo domínio: *o ser-poder*. Alfredo da Veiga - Neto, por exemplo, ao analisar *Vigiar e Punir* nos revela algo sobre Foucault:

[...] ele dedica a ela toda a sua força e atenção. É nesse livro – a que, curiosamente, ele chamou de “o meu primeiro livro” – que Foucault coloca toda a ênfase na busca do entendimento acerca dos processos pelos quais os

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia - Faculdades Integradas Olga Mettig. Aluna do curso de especialização em Filosofia Contemporânea - Faculdade São Bento da Bahia. Aluna especial do Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). (simonesantos.salvador@marista.edu.br).

indivíduos se constituem como sujeitos como resultado de um intrincado processo de objetivação que se dá no interior de redes de poderes, que os capturam, dividem e classificam. (VEIGA-NETO, 2005, p.65).

Classificar, controlar e capturar os indivíduos faz parte de um novo aparelho. A escolarização, ou as práticas de disciplinamento, adotadas também pelos ambientes educativos ou porventura de escolarização com seus dispositivos, dar-se-á de tal modo, a legitimar o que outrora era função de um poder centralizado e que agora se apresenta de forma difusa, quase invisível, legitimada pelos discursos, pelas práticas, pelas regulações ou como denominou Foucault em *Microfísica do Poder*: como micropenalidades do tempo.

Como micropenalidades, podemos destacar práticas como a *ordem* e as *regularidades* capazes de fabricar corpos dóceis: o silêncio, a disciplina, o tempo exato para falar, ir ao banheiro, fazer uma pergunta, terminar uma avaliação. São exemplos comuns que demarcam as micropenalidades, dissociando o poder do corpo e o objetivando para a ampliação das capacidades. Esta produção de corpos úteis faz parte de um novo modelo de produção. Tal engrenagem funciona de modo a produzir em série seu novo projeto de humanidade: sujeitos críticos, competitivos, com domínios cognitivos, afetivos etc.

Neste novo produto da modernidade, o aluno, como sujeito da sociedade do conhecimento, é capturado pelo espaço que Foucault denominou de *instituição de seqüestro*. É Veiga - Neto quem nos diz que

De maneira muito detalhada, ele nos mostra que principalmente no âmbito de algumas instituições – a que ele chama de *instituições de seqüestro*, como a prisão, a escola, o hospital, o quartel, o asilo – passa-se *dos* suplícios, como castigos e violências corporais, *para* o disciplinamento que cria copos dóceis. (VEIGA-NETO, 2005, p. 77).

Ou seja, a maquinaria é responsável pela criação de um novo sujeito, ou, como Gimeno Sacristán (2005) chamou de aluno como invenção. Assim, podemos relacionar esta capturação com a era clássica e o surgimento dos leprosários, no século XVI. Estes foram, no decorrer da época clássica, criados para o internamento com a finalidade de examinar e demarcar um racionalismo clássico:

O internamento seria assim a eliminação espontânea dos “a-sociais”; a era clássica teria neutralizado, com segura eficácia – tanto mais segura quanto cega – aqueles que, não sem hesitação, nem perigo, distribuimos entre as prisões, casas de correção, hospitais psiquiátricos ou gabinetes psicanalistas. (FOUCAULT, 2005, p.79)

O que fica claro aqui é a relação entre o internamento e confinamento com as práticas e os cuidados, a fim de promover o controle: separar e classificar os sujeitos. Deste modo, “os cuidados médicos são enxertados à prática do internamento a fim de prevenir alguns de seus efeitos” (id. ibid. p. 115). Como prática capaz de relatar, capturar e classificar da medicina e do saber médico, esta prática foi apropriada para um novo espaço de poder e de constituição do sujeito, a saber, a escola.

A escola como produtora, receptora e ao mesmo tempo capaz de reproduzir às relações sociais, desenvolveu práticas através de um *conhecimento especializado*. Podemos dizer que a

produção do saber se deu a partir da modernidade e de sua relação com o progresso, de modo que as práticas de educação e cuidado foram deslocadas. O deslocamento de um modelo de sociedade para este e o processo da institucionalização e rotinização da educação está presente na obra de Maria Carmen Silveira Barbosa, *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*, no qual a autora enfoca a idéia de modernidade e sua relação com as instituições educativas:

[...] as práticas de educação e cuidado das crianças foram deslocadas de ações moldadas por grupos familiares, privados, singulares, heterogêneos e locais para sistemas modernos, homogêneos, públicos e globais.

A modernidade difere de todas as formas anteriores de ordem social, porque seu dinamismo desconsidera os usos e os costumes tradicionais, substituindo-os pelas organizações mais amplas e impessoais. (BARBOSA, 2006, p.71).

Deste modo, estes saberes científicos e especializados “não estão separados da vida dos sujeitos e fazem parte da estruturação subjetiva. [...], influencia os modos de percepção e participação no mundo.” (id. *ibid*). O que nos dá o suporte para pensarmos como as maquinarias se organizam e multiplicam, no seu interior, de modo a se objetivar em uma funcionalidade social. Cabe à escola, portanto, seu caráter disciplinar, e de ritualização que lhe é comum, sua forma de exercer poder e ação sobre os indivíduos.

Como o local da ação de alguns indivíduos especializados sobre outros não especializados, a escola, com suas práticas, saberes e poderes estabelecidos, opera de uma maneira muito peculiar, fazendo com que seus sujeitos cheguem como sugere Barbosa, “[...] à indústria com hábitos bem-definidos e adequados a esse universo de produção” (id. *ibid*. p.66).

De um modelo restrito à impessoalização, a escola vem sendo o local da massificação; da modelagem; do adestramento; das micropenalidades do tempo: dos gestos, da sexualidade, da maneira de ser, do corpo, dos discursos; da docilização dos corpos, dos dispositivos de controle, da padronização, da racionalização do tempo, da definição do sujeito e ao mesmo tempo da construção de um modelo ideal de humanidade e, conseqüentemente, das redes de poder.

Nosso questionamento se dá no sentido de verificar, analisar e pensar um novo modelo, se assim podemos pensar, para transgredir. “[...] ultrapassar os limites que o mundo social impõe a si mesmo e a todos nós, olhar com mais atenção para as relações entre o poder e o saber” (VEIGA-NETO, 2005, p. 17). Sair de um modelo mecânico para uma realização do eu. (BARBOSA, 2006). O que verificamos nas práticas de escolarização e de supressão em que a escola opera é um modelo *adultocêntrico*, no qual somente os adultos podem decidir o que as crianças podem e devem fazer. Tudo isto dentro de uma pedagogia da emancipação e saber crítico.

Como falar em práticas de *emancipação* e de um *saber crítico* quando os modos de operacionalização se dão de forma que tudo seja feito por todos, massificando, organizando e racionalizando o tempo, os espaços, os modos de ser e agir? É preciso, portanto, repensar a funcionalidade, o objetivo desta organização. É preciso, contudo, dentro das práticas pedagógicas, “[...] mudar o que se considera ser preciso mudar”, (VEIGA-NETO, 2005, p.18), ver de outro modo, ou buscar as origens, as causas e o porquê as práticas precisam ser deste ou de outro jeito, da fabricação em série de um ser humano modelado.

A idéia de um ser humano modelado é descrita em *Vigiar e Punir*. Foucault, através da imagem de um soldado ideal do século XVII, descrevia a figura do soldado. Através de seu

corpo e de seus “sinais” este podia ser reconhecido de longe. Foi ainda na metade do século XVIII que o corpo passou a ser algo “fabricado”, primeiro corrigindo “aos poucos as posturas” (FOUCAULT, 1987, p. 117). O mesmo se dá no espaço de escolarização:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe. (id. *ibid.* p.119).

Do mesmo modo, acontecia na época clássica. O corpo começou a ser alvo do poder: o corpo começa a ser alvo de manipulação, de treinamento, de modelagem, obedecendo e respondendo, tornando-se um corpo hábil. O corpo distribuído, classificado, controlado, passou a ser definido num conjunto de alinhamentos obrigatórios. Foi através desta ordenação que

no século XVIII começa ainda a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos nas salas, nos corredores, nos pátios; colocação que ele obtém de semana em semana [...]. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seu desempenho, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se coloca o tempo todo numa série de casas. (id. 126).

Fez deste modo, “funcionar o espaço escolar como uma maquinaria de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (id. *Ibid.*). O mesmo modelo de comportamento que permitia identificar de longe um soldado, permite-nos, hoje, identificar um aluno. Para Foucault,

[...] o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo. (id, p.117).

Desta mesma massa informe cria-se o aluno, como uma invenção da modernidade, para manter a ordem social. O aluno, tal qual um soldado, é essa massa informe, como sugere Foucault, a se corrigirem os gestos e as posturas. A escola, deste modo (com a figura do professor) será a grande máquina com capacidade calculada para transformar cada gesto e corrigir cada postura.

Tal processo ao qual a escola engendra suas relações entre poder, saber e disciplinamento dos corpos, classifica, controla e submete alunos a uma massificação uniforme, preocupada com a manutenção, limitação, organização dos corpos, obediência, promoção da economia do tempo e dos gestos. É possível figurar tal idéia: ao pensar na disposição das carteiras, na organização das salas, no agrupamento das filas, nos dispositivos de entrada e saída das salas, na prática dos relatórios, na posição ocupada pelo professor, podemos verificar como tais procedimentos são cuidadosamente praticados, de modo que, em cada época, a educação possa contribuir para a produção de um ser social, neste caso o sujeito moderno.

A maquinaria escolar cria, deste modo, o sujeito na modernidade através de seus dispositivos pedagógicos. O corpo se dispõe permitindo uma produção padronizada e ágil da aprendizagem. Desta maneira é possível verificar o tempo exato, através de ritmos e sinais impostos pela ordem escolar. O mínimo de desvio destes sujeitos revela sua não linearidade, sua inaptidão, seu desvio do padrão estabelecido, sua não fixação com as regras, enfim, surgem as

anomalias da educação que outrora eram tratadas como loucura: a dislexia, a hiperatividade, a inclusão, o que funciona como sistemas de padronização das crianças.

Condicionar o sujeito à massificação, à fabricação de um sujeito normal, de um sujeito moderno, capaz, ágil e útil e ao mesmo tempo disciplinado foi tarefa da modernidade. A nova sociedade cria deste modo, o sujeito do controle através de câmeras, catracas e outras maquinarias da sociedade tecnológica. A sua funcionalidade se caracteriza de modo a não só dominar os sujeitos, mas também de garantir a segurança, a ordem e o preparo para um futuro promissor. Seu efeito negativo se dá na não verificação e na não participação destes sujeitos no processo de decisão destas sujeições.

A educação, como local da emancipação deveria ser também mais um espaço da escolha e da autonomia? Tal qual o local da submissão ao poder, da sujeição dos corpos e do cuidado minucioso e calculado [...] “Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (FOUCAULT, 1987, p.187). Ou será que este espaço também é um micro espaço da constituição de um tipo de sujeito?

Classificar cada sujeito de acordo seus méritos, potencializar seu conhecimento, separar o que é útil, controlar os impulsos e os exageros tudo isso de modo a criar, ordenar e entregar à sociedade o que a disciplina produziu.

A produção dentro desta maquinaria inicia com a “ciência do olhar, da observação, da verificação *do corpo*<sup>2</sup>” (FOUCAULT, 2008, p. 62), de sua forma de suplício até chegar à disciplina, e desta para o controle com a aparição das técnicas, do saber institucionalizado, da correção dos corpos com finalidade de regular e modelar os indivíduos, tornando-os dóceis.

Foi a partir desse laço, próprios dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar o elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho. (FOUCAULT, 1987, p. 185).

Através da docilização dos corpos, podemos dizer que o aluno passou a ser o novo sujeito na modernidade. Uma “invenção” útil capaz de criar especialistas, em classificar e modelar o ser humano, capaz de atender à produção de uma sociedade cientificizada e de seus inúmeros codinomes como: sujeito preparado, sujeito capaz, sujeito do conhecimento e sujeito autônomo. Como sujeito da educação, o aluno passa por uma maquinaria dos corpos cheia de dispositivos, que regulam seu modo de ser, ele “está preso no interior dos poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (id. *ibid.* p.118). Dito isto, Veiga - Neto nos orienta como este mesmo corpo tornou-se docilizado por esta maquinaria:

A escola foi sendo concebida e montada como a grande – e (mais recentemente) universal – máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e assim torná-lo dóceis’; além do mais, a escola é, depois da família (mas, muitas vezes, antes dessa), a instituição de seqüestro pela qual todos passam (ou deveriam passar...) o maior tempo de suas vidas, no período da infância e da juventude. Na medida em que a permanência na escola é diária e se estende ao longo de vários anos, os efeitos desse processo disciplinar de subjetivação são notáveis. Foi a partir daí que se estabeleceu um tipo muito especial de

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

sociedade, à qual Foucault subjetivou de disciplinar. (VEIGA-NETO, 2005, p.85).

## CONCLUSÃO

Concluimos então com este trabalho que o sujeito foi uma invenção da modernidade. O aluno passou por uma série de investigações que o condicionou, controlou e o objetivou para o progresso da sociedade. Contudo, as *instituições de seqüestro*, como a prisão, o asilo, o hospital e, neste caso a escola, participam de uma maquinaria responsável pela organização, docilização e correção dos corpos. O estudo nos possibilita uma reflexão acerca das práticas escolares e suas possibilidades em extrapolar os muros e os condicionamentos sociais. Temos deste modo, como sugere Maria Carmem Silveira Barbosa

A possibilidade de sair do tempo da ordem para o da desordem, de passar de uma organização estática para outra, dinâmica, rompendo com a organização puramente burocrática, com o mito da imutabilidade e rompendo com a planilha horária uniforme e repetitiva que se instalou nas práticas e nas mentalidades é a sugestão de Husti para aderir-se a um planejamento móvel do tempo.

Sendo assim, cabe às instituições escolares se situarem no seu tempo. Não de forma estática, mas sim de forma a acompanhá-lo. É preciso “abrir espaço para o não-padronizado, para o diferente, procurando não torná-lo igual ao conhecido, ao esperado.” (BARBOSA, 2006, p.205). É preciso suportar o novo. E, saber suportar o novo implica deslocamento, ter um novo olhar, pois,

No fundo da prática científica existe um discurso que diz: ‘nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar’. Mas achamos também, e de forma tão profundamente arraigada na nossa civilização, esta idéia que repugna à ciência e à filosofia: que a verdade, como relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares e privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir. Se existe uma geografia da verdade, esta é dos espaços onde reside, e não dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la. (FOUCAULT, 1979, p.113).

A importância deste estudo se dá no sentido de que possamos imaginar e agir de forma que as instituições escolares consigam sair desta sombra que nos fala Foucault, a qual um certo discurso constitui como verdade. Que seu ordenamento seja capaz de dar vez e voz aos alunos, como participantes deste processo. Que esta maquinaria não só fique no discurso da autonomia, mas que se efetiva de fato na prática. Enfim, podemos finalizar com a seguinte pergunta: qual a finalidade da educação? Docilizar, controlar e classificar os indivíduos ou emancipá-los, torná-los, de fato, participantes de todo processo aumentando seu poder de crítica? Para Foucault o poder não é somente aquele que abate as pessoas, mas, sobretudo, potencializa-os, torna-os úteis e os mantém em um determinado lugar, de sorte que em toda e qualquer sociedade o processo educativo sempre estará atrelado às formas de poder vigentes. Não obstante, se não é possível separar o saber das relações de poder, ao menos podemos fazer com que os sujeitos da educação

tenham consciência de que estão condicionados a determinadas formas de poder, e que a educação do tempo presente precisa ser encarada como uma ruptura e uma descontinuidade com modelo de dominação vigente.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen. **Por amor ou por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GIMENO Sacristán, J. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.